

CXXXIV

Como o outro que diz ou: Como diz o outro

Como se diz vulgarmente, como diz o provérbio: «Comecei a tirar nabos do púcaro, como o outro que diz...» (Camilo, Estrêlas funestas). — «... morreu el-rei D. Afonso Henriques, depois de ter tomado Lisboa... que era, como diz o outro, a menina dos olhos dos Árabes.» (Pinheiro Chagas, Hist. alegre de Portugal).

O povo quando quiere empregar um conceito conhecido, ou um provérbio, usa aquelas formas, e outras, como: — a) *bem diz o ditado...*; — b) *é bem certo o ditado...*; — c) *como se costuma dizer...*; — d) *como quem diz...*; — e) *diziam os antigos...*; — f) *é bem certo...*; — g) *há por dizer...* (ou *tem-se por dizer...*); — h) *lá diz o ditado...* (ou *o ditado velho...*); — i) *lá diz* (ou *reza*) *a história...*; — j) *lá dizia o outro...*; — k) *sempre ouvi dizer...* (ou *tôda a vida ouvi dizer...*); — l) *já a minha avó dizia...*; m) *dizia o Camões...*; — n) *dizia o Marquês de Pombal...*

Dois exemplos em canções populares:

- a) Há uma razão que diz:
bem pouco acerta quem escolhe;
tôda a vida ouvi dizer:
— quem não semeia, não colhe.
- b) Não vale o ambicioso
a casca de um limão verde,
porque lá diz o ditado:
— quem tudo quer, tudo perde.

Na linguagem culta diz-se: a) *como diz a sabedoria das nações*; b) *como diz o provérbio*; c) *como diz o povo*; d) *como vulgarmente se diz*.

Nos mais antigos monumentos da literatura portuguesa — os cancioneiros dos séculos XIII e XIV — apparecem já, em

alguns casos, as denominações de *vervo* e *vervo antigo*, a designar os provérbios:

Se porem, diz o *verv'antigo*:
a boy velho non busques abrigo.

(*Cancioneiro da Vaticana*, n.º 1162) (1).

No século XIV encontra-se, mas não muito vulgarmente, a referência ao *sabedor*: «E por esso diz o sabedor: O boo amigo nõ fallece aa coyta.» (2). — «E por esto diz o *sabedor*: Oo mundo, quem te ama, non te conhece.» (3)

Nos séculos XV e XVI aparece com freqüência o *exemplo* a denominar o provérbio, como neste trecho do *Leal Conselheiro*: «E na conversaçom dos amygos, o que se faz em mudança das condições mostrasse per aquel *enxemplo*, vay hu vaaes, com quaaes te achares tal te faras.» (4)

D. Duarte empregou também naquela sua obra o *exemplo*, para designar uma espécie de parábola ou alegoria, como no *enxemplo do spelho, manto e pandeiro* e no das duas barcas.

No *Triunfo do inverno*, de Gil Vicente:

Porque diz o *exemplo antigo*:
Quando te dão o porquinho,
vae logo c'o baracinho (5).

Em Sá de Miranda lê-se:

Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem diz o *exemplo antigo*
— Que os dedos não são iguais! (6)

(1) Apud Adolfo Coelho in *Portugália*, I, p. 479.

(2) Num manuscrito do séc. XIV, da livraria de Alcobaça (Apud Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português*, II, 37).

(3) Idem, *Ibid.*

(4) Da ed. de Paris, 1842, p. 223.

(5) *Obras de Gil Vicente*, ed. da «Biblioteca Portuguesa», Lisboa, 1852, II, p. 461.

(6) Apud Sousa Viterbo in *Portugália*, I, 480.

Gil Vicente apresenta freqüentemente o provérbio a título de *exemplo*: *exemplo da velha, exemplo esquecido, exemplo dioso, exemplo de mulher honrada, exemplo velho, exemplo antigo*, etc. (1).

Também escreveu:

Diz um *verso acostumado*:

Quem quer fogo, busque a lenha (2).

Segundo Sousa Viterbo (3), Gil Vicente apenas uma vez fala em *refran*. Outras vezes autoriza as suas sentenças com nomes históricos, como Salomão, Pelaio, Nabucodonosor.

A referência a Salomão encontra-se também nos autos do Chiado.

Assim, na *Prática de oito figuras* lê-se:

«O diz muito bem Salomão.
Vaidades das vaidades,
palavras de S. João.»

E:

«Como lá diz Salomão,
não ha contentamento.»



E no *Auto das Regateiras*:

«porque diz lá Salomão
que quem não olha ao diante
do mal que vir não se espante.»

António Prestes usa muito a palavra *rifão*, que na antiga poesia portuguesa tinha um sentido diferente, parecendo significar «mote» no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende. Assim, por exemplo, vemos um *rifam* e *copras* feitos por diversos poetas a Fernam da Silveira, porque correu a carreira com um mongy de veludo preto e forrado de martas. Começa por este modo:

	Rifam	
Ainda m'agora abalo		vestido no teu mongy
de te ver, como te vi,		a cavallo.

(1) V. Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, 516.

(2) Idem, *ibid.*, I, p. 521, n.º 89.

(3) Idem, *ibid.*, I, 516.

António Prestes usa também destas frases: *verbos antigos e berbo antigo* ⁽¹⁾.

Em Jorge Ferreira de Vasconcelos encontram-se, entre outras, as seguintes formas:

Na comédia *Ulyssipo*: a) «E sabeis que *dizem as velhas*? Aquelle andar á pellas calejas q̃ não ha igual renda com as despesas»; — b) «... que *dizem lá*, nunca ninguem diga por si bem estou»; — c) «Cabra mouca da na outra, *diz o texto*»; — d) *Bem dizem* que quem cre de ligeiro agoa recolhe em cesto.»

Na *Aulegrafia*: «E como *diz o exemplo*, guardeuos Deos de yra do Senhor, alboroto de pouo, & de doudo en lugar estreito.»

Na *Eufrosina*: «Por isso *dizia bem Jam Despera em Deos*, que caça, guerra & amores»; — «A verdade he encomendar a Deos como *dizem* & lançar a nadar.» — «... & como *lá dizem*. Quem boca beija, boca não deseja.» — «Que *sempre ouvi* que quem sobe de pressa, de pressa cae.»

D. Francisco Manuel, na *Feira de Anexins*, Fábula 2.^a (*Dos frutos*) fala do *texto das velhas*: Nem ainda as frutas verdes pela vindima, pois chegou a dizer o *texto das velhas* «que quando ha figos não ha amigos.»

Entre os Celtas, as principais máximas eram sempre atribuidas ao Sean'ar o homem do tempo antigo: *Mur thu'irt an sean'ar* — como diz o homem dos tempos antigos ⁽²⁾.

Àcêrca da personagem anónima o *outro*, diz Quevedo: «Yo soy el Otro, y me conocerás; pues no hay cosa que no la diga el Otro. Y luego, en no sabiendo como dar razón de si dicen: Como dixo el otro. Yo no he dicho nada, ni despego la boca. En latin me llaman *Quidam*, y por esos libros me hallarás abultando renglones, y llenando clausulas.» ⁽³⁾

Franceses: a) *Comme on dit*, b) *Comme dit l'autre*.

Hespanhóis: a) *Como dijo el otro*; b) *Como el otro que dijo*; c) *Como quin dice*.

Inglês: *As the saying is* (ou *as the saying goes*).

⁽¹⁾ V. Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, 521.

⁽²⁾ Teófilo Braga, *Povo português*, II, 356.

⁽³⁾ *Visita de los chistes*, nas *Obras de D. Francisco de Quevedo*, ed. de Bruxelas, 1660, 1.^a parte, p. 561. Apud F. Rodríguez Marín, *Comparaciones populares recogidas en Ossuna* (in *El Folk-Lore Andaluz*).